

Sensibilização para a salvaguarda do património construído.

Análise dos fenómenos de alteração de um edifício.

Breve estudo das patologias da cantaria da fachada da ESMAVC.

No âmbito do “Projeto Património”, os professores Fátima Abraços e Amaro Carvalho da Silva procuraram, ao longo do ano letivo de 2013/2014, sensibilizar os alunos do 10.º ano, turma I, para a salvaguarda e conservação do Património Cultural, em geral, e do Património da Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho, em particular, dando a conhecer as problemáticas e os fatores de degradação do património e neste âmbito apresentar alguns fenómenos de alteração e degradação da cantaria da fachada e dos muros do edifício da escola.

A Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho foi inaugurada em 1933/34 e ocupa um quarteirão com 12.650 m². A área é limitada a Nascente pela Rua Rodrigo da Fonseca, a Poente pela Rua Artilharia Um, a Norte pela Rua Sampaio e Pina e a Sul pela Rua Marquês de Suberra. Está inserida na malha urbana das ruas adjacentes ao Parque Eduardo VII e rodeada pelos hotéis Ritz e Meridien.

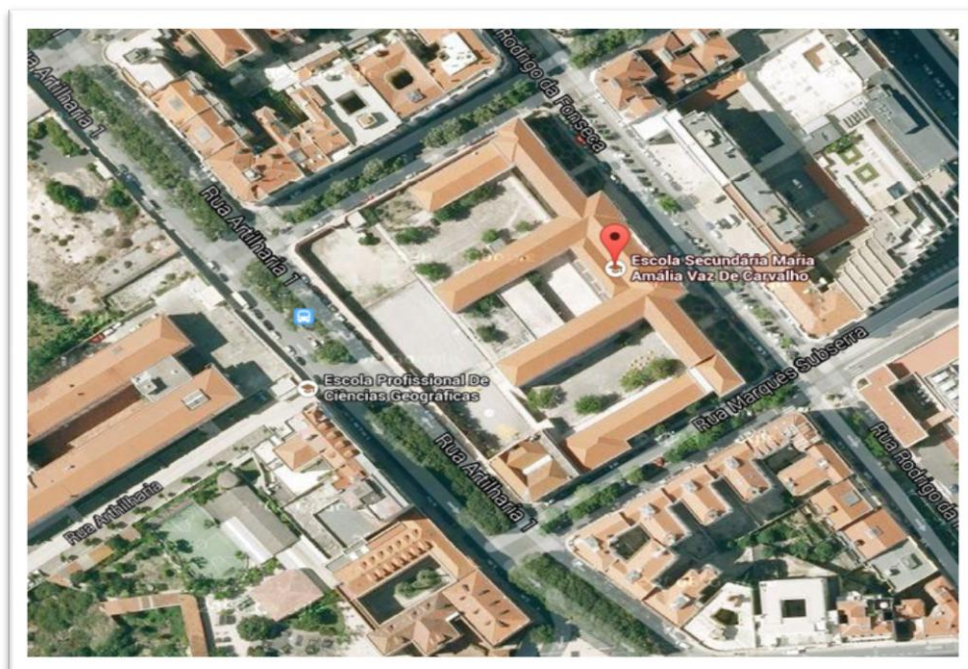


Fig. 1 – Localização

O arquiteto Miguel Ventura Terra (1866-1919) nasceu em Seixas, Caminha, e estudou arquitetura no Porto, mais tarde frequentou a École Nationale de Beaux-Arts, em Paris.

A partir de 1908, foi vereador republicano da Câmara de Lisboa e fez inúmeras propostas de melhoramentos para a cidade, tendo elaborado os projetos dos edifícios dos Liceus Luís de Camões, Pedro Nunes e Maria Amália Vaz de Carvalho.



Fig. 2 - Fachada da escola.

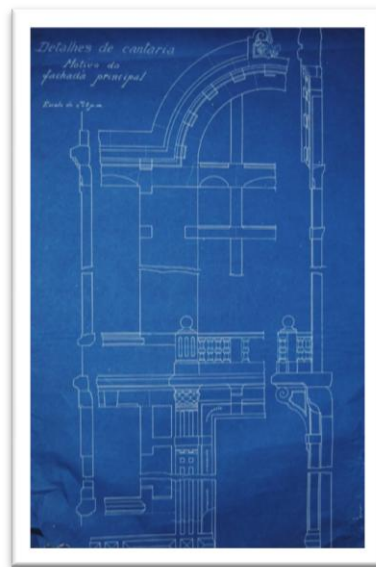


Fig. 3 - Cianótipo do ateliê de V. Terra

O programa do edifício, que hoje alberga a escola, foi encomendado pelo governo da República em 1913 e entregue a uma Comissão que se encarregou da escolha do terreno e de preparar as bases para a elaboração do projeto, que ficou ao cuidado do arquiteto Ventura Terra. Falecido este em Abril de 1919, substituiu-o o arquiteto Porfírio Pardal Monteiro, membro da mesma comissão que se encarregou de dar continuidade à execução da obra, entretanto embargada por falta de verba, em 1921. O liceu só seria inaugurado nos anos trinta (1933-34), período de consolidação do Estado Novo, depois de uma segunda fase de construção orientada pelo arquiteto António Couto.

A fachada da escola tem janelões que abrem para varandas com balaústres e grossos corpos pétreos acantonados e rematados com esferas. Estas varandas são suportadas por pesadas consolas. Os janelões são encimados por arcos de volta perfeita decorados com pequenos ressaltos.



Fig. 4 - Varandas com balaústres e grossos corpos pétreos de calcário.

A frontaria, sob as janelas do rés-do-chão, é revestida por grandes pedras almofadadas, sendo algumas talhadas em ponta de diamante. Edifícios como a nossa escola foram feitos com o intuito de permanecerem no futuro mostrando a continuidade do passado.

Quais são os fatores de degradação no decaimento das rochas e outros materiais de um edifício?

- Fatores intrínsecos: à rocha ou aos materiais do edifício;
- Fatores extrínsecos: o ambiente (microclima e nanoclimas) a que o edifício e as suas partes relevantes se encontram expostos;
- Fatores impostos: a forma (a geometria) do edifício, a sua orientação geográfica e o lavrado das suas superfícies;
- Fatores antropológicos: a “incultura das gentes”, o vandalismo.

Ao longo dos tempos os edifícios vão-se degradando. A sua pele vai envelhecendo. Fenómenos tais como: excrementos de pombos, fungos/ líquenes, chuvas ácidas, grafitis, poluição atmosférica, escoamento de águas, aparecimento de micro-organismos e crostas, fissuras, alterações climáticas e infiltrações vão deteriorando os componentes do edifício e vão corroendo o calcário da cantaria. A bio deterioração de edifícios em pedra causada por microrganismos é um dos problemas mais complexos da área da conservação e restauro.



Fig. 5 - Cantaria da fachada com fissura



Fig. 6 - Deposição química-física das chuvas

Os poluentes atmosféricos são causados pelos aviões e pelos automóveis, depositam-se sobre a pedra e provocam manchas negras, devido ao dióxido de carbono.

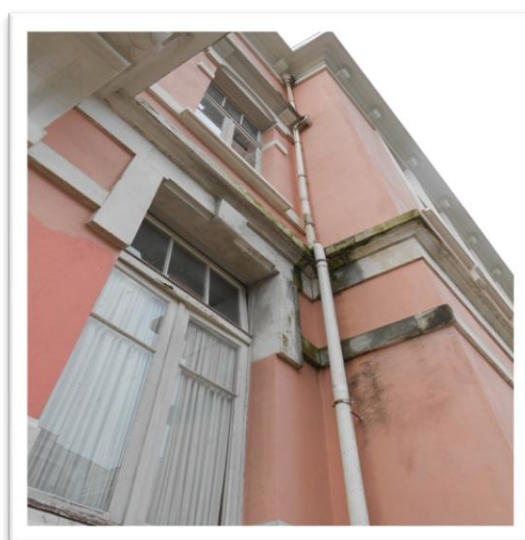


Fig. 7 - O vazamento de água, que escorre do algeroz, danifica as paredes, escurecendo a pedra do edifício e provocando humidades e o aparecimento de líquenes.



Figs. 8 e 9 - A deposição química-física das chuvas e os poluentes atmosféricos provocam o escurecimento da pedra das varandas. Fotografias tomadas em 2006 e 2014.



Fig. 10 - Devido à composição química dos excrementos do pombo, estes corroem a pedra e é um dos piores e mais vistos fenómenos da degradação de um edifício.

Os grafitis são difíceis de limpar e não só dão ao edifício um mau aspeto como também o degradam.



Figs. 11 e 12 – Muros da escola. Fotografias tomadas em 2006 e em Janeiro de 2014

O estudo da alteração das rochas aplicado em património construído tem recebido particular atenção por parte da comunidade científica devido à acelerada taxa de decaimento que se tem vindo a verificar.

A bio deterioração de monumentos e edifícios em pedra causada por microrganismos é uma das grandes preocupações dos conservadores.

Com esta apresentação procuramos sensibilizar a comunidade escolar para a salvaguarda do património construído e chamar a atenção para os elevados custos das intervenções de restauro, no que diz respeito à limpeza dos grafitis.

Referências bibliográficas:

Luís Aires-Barros (2001) As Rochas dos Monumentos Portugueses. Tipologias e Patologias, vol. I, IPPAR, pp. 247-251

www.esmavc.org

Créditos fotográficos:

Arquivo fotográfico e documental da ESMAVC; Eng. Vaz da Silva; Fátima Abraços;

www.esmavc.org

www.google.earth.com